

Sendo um líder realizado e feliz

artigos de

Guilherme de Amorim Ávila Gimenez



FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

eBook de presente

UM PRESENTE DA TEOLÓGICA PARA VOCÊ



QUEREMOS FAZER DIFERENÇA EM SUA VIDA

Cada dia que passa a vida fica mais complexa, as exigências são enormes e nem sempre conseguimos atender toda demanda. Quando atuamos como líderes a situação se complica ainda mais.

Não podemos esperar que tudo isso vai mudar e teremos mais tranquilidade, pois os cenários culturais seguem rumos que vão exigir mais de um líder, que deve sempre estar preparado para conseguir ter sucesso diante de tantas exigências. As tendências culturais e sociais mostram que o futuro vai requerer que você possua muito mais habilidades do que hoje.

Como vencer tudo isso e ainda sobreviver? Sobreviver, não, **SABERVIVER**, eis o caminho. Mas para isso tornar-se realidade um meio é ouvir outros líderes que estão obtendo excelentes resultados e buscam sempre aprender novos rumos.

Por isso mesmo este eBook que estamos lhe presenteando traz diversos artigos de nosso professor e mestre Guilherme Amorim de Ávilla Gimenez, que tem demonstrado na prática o que escreve periodicamente para dar apoio a líderes que desejam ter sucesso na mobilização de pessoas.

“Ser Teológica” é isso mesmo, FAZER DIFERENÇA. Desde 1957 acumulando experiência na formação de novas gerações de líderes que fazem diferença.

Conheça nossos cursos consultando nosso website (www.teologica.br) ou mesmo vindo aqui fazer uma visita e assistir algumas aulas. Temos diversos cursos de curta duração para atender pastores, líderes e membros da igreja, com preços reduzidos.

prof. Lourenço Stelio Rega, PhD
Diretor
Faculdade Teológica Batista de São Paulo

CONHEÇA O AUTOR DOS ARTIGOS DESTA eBOOK

Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez, nasceu em Campinas, SP. É casado com Nivia e pai de um casal de filhos Guilherme Júnior e de Maria Laura. É Bacharel em Teologia, Mestre em Ciências da Religião. Concluiu Doutorado em Teologia no Instituto Teológico do Paraná. Tem também Pós-graduação em Ministério Pastoral no Dallas Theological Seminary e Liderança Avançada no Emerging Leadership Initiative. Fez vários cursos na área de Gestão de Pessoas e Administração na FGV-SP. Concluiu MBA em Projetos na Unicesumar. Foi pastor na Segunda Igreja Batista de Panambi, RS; Igreja Batista de Ponte Grande, Guarulhos, SP; Primeira Igreja Batista de Goiânia, GO. Desde 2006 é o Pastor Presidente da Igreja



Batista Betel em São Paulo, Capital. Na denominação Batista serviu como Conselheiro da Convenção Batista Brasileira, Conselheiro da Junta de Missões Mundiais, Conselheiro da Convenção Batista Goiana, Presidente da Seccional da OPBESP - Guarulhos e Presidente da Associação Batista da Cidade de Guarulhos e Adjacências. Atualmente é Conselheiro da Convenção Batista do Estado de São Paulo. Foi capelão do Instituto Nacional do Câncer. É professor na área de Ministério Pastoral e Liderança na Faculdade Teológica Batista de São Paulo. É embaixador e representante oficial da Dallas Baptist University no Brasil. É autor dos livros Resistência e Resiliência e Coletânia de Versos e Reversos.

UMA NOVA VISÃO DE PLANEJAMENTO



Recentemente ganhei de meu filho mais velho um livro que há tempos queria ler: SCRUM: A arte de Fazer o Dobro do Trabalho na Metade do tempo (Jeff Sutherland). Eu já tinha lido alguma coisa sobre essa metodologia de gestão de planejamento e projetos e queria me aprofundar mais no assunto. Logo que comecei a folhear o livro me deparei com a seguinte frase: “Planejar é útil. Seguir cegamente os planos é burrice” (Página...). A frase me despertou para a leitura imediata do primeiro capítulo que é basicamente a introdução para compreendermos a metodologia. A ideia do autor é simples: nós fazemos planos mas acontecem várias mudanças na hora da execução. Quem segue cegamente os planos, sem levar em conta as mudanças, está sendo tolo. E, acredite, em um mundo de grandes e rápidas mudanças, o risco de cometermos essa tolice é muito grande.

Nunca me esqueci de uma palestra de Jim Collins na Universidade do Texas quando ele declarou: é impossível fazer planos de longo prazo no atual cenário mundial. No momento do debate, após a palestra, alguém perguntou a ele: “Sr. Collins, há 20 anos atrás o senhor disse que um dos segredos para o sucesso era o planejamento a longo prazo. O senhor mudou de ideia?” A resposta foi direta: “Eu disse isso há 20 anos atrás. Seria um estúpido se não tivesse mudado de ideia.” A grande maioria dos teóricos do planejamento mudou de ideia em relação ao planejamento de longo prazo. As mudanças tão rápidas e as mudanças de cenário tão grandes nos obrigam a ter uma nova visão de planejamento onde estamos abertos a mudanças e prontos a receber inovações que podem comprometer totalmente nosso planejamento.

Essa nova visão é difícil de ser aceita principalmente por aqueles que são mais sistemáticos e adotaram para sua vida o lema de seguir o planejamento até o final. O perigo aqui de ser tolo é muito grande. Então, que tal mudar a visão de planejamento e incluir a possibilidade e probabilidade de mudança? Além disso pode-se também estabelecer períodos mais curtos para avaliação, inspeção e se for necessário a adaptação do plano inicial à situação concreta com a qual nos deparamos.

“Mude ou morra” foi outra frase que encontrei no mesmo parágrafo da leitura de SCRUM. É o mesmo conteúdo da frase anterior porém com outras palavras. Se você não mudar, vai morrer. Não há outra alternativa em uma sociedade de tantas mudanças. Veja bem: não é mudar por mudar, é mudar para sobreviver. E como não somos tolos, estamos abertos a mudanças a fim não apenas de resistir mas de seguir firmes e vitoriosos nesse mundo tão diferente daquele de 20 anos atrás.

VENCER E NÃO NEGAR O MEDO



Há alguns dias, compartilhava uma mensagem sobre o medo. De tudo o que li sobre o assunto, uma frase ficou em minha mente por um longo tempo: “É normal ter medo! A meta é vencê-lo, e não evitar ou fingir que ele não existe” (Chris Guillebeau. *O Poder dos Inquietos*). Em geral, atribuímos ao medo a fraqueza. Raramente, uma pessoa fala sobre seus temores pessoais, e quando ouvimos algum relato sobre pessoas bem-sucedidas, a última coisa que esperamos é que elas falem sobre seus temores. Mas veja que interessante: uma pesquisa, conduzida pelo Dr. Daniel H. Ruipérez, da Universidade de Salamanca, concluiu que grandes personagens da história (a partir do século XVII) tiveram temores que, mesmo sem ser admitidos por eles próprios, foram percebidos pelos que os cercavam. A lista tem cientistas, generais, políticos, religiosos e uma grande variedade de personagens que fizeram grandes feitos apesar de seus temores.

Ainda que algumas pessoas declarem não ter medo, uma das maiores provas de humanidade é exatamente o temor. E ele também é uma característica de saúde, como bem declara Po Bronson: “A ausência de medo não é a coragem; a ausência de medo é um problema mental”. Admitir nossos temores é admitir nossa humanidade. Entendido isso, vem aquela famosa pergunta: o que fazer com nossos temores, uma vez que os admitimos? Agora, é estabelecer a meta de vencê-los. Encará-los. Lidar com eles de maneira que não nos impeçam de seguir em frente. Vencer, e não reprimir os temores, é uma das receitas da vitória.

Vencer os temores, segundo Chris Guillebeau, tem a ver com a maneira como trabalhamos com o medo. Não é, necessariamente, chegar ao ponto de dizer que “não sinto mais medo”, mas sim “apesar do medo, fiz isso ou aquilo.” Christophe André, em seu famoso estudo *Anatomia do Medo* (*Revista Scientific American*), cita o comentário de um de seus pacientes que nos serve de ilustração sobre vencer o medo: “Hoje eu me sinto com meus medos como um domador na jaula dos animais ferozes. Continuo receoso, mas sou eu que comando. Eu não passo a vida dentro da jaula, mas, sempre que tiver de entrar nela, sei que consigo fazê-lo. E, às vezes - apenas às vezes - eu percebo que dominar meu medo em certas circunstâncias me dá uma certa satisfação...” (www.methodus.com.br. Acesso em 20/06/2018). Dominar, vencer, encarar... Esses são os verbos que nos ajudam a lidar com nossos temores. O medo, por certo, sempre estará aí; em alguns momentos, mais presente do que em outros, mas como uma bolsa a tiracolo; podemos seguir em frente com ele, lembrando sempre que podemos ser maiores que nossos temores e fazer deles um incentivo para nos esforçarmos mais, trabalharmos mais, sermos mais criativos e, por fim, mais confiantes.

Um detalhe para finalizar: “Mas eu, quando estiver com medo, confiarei em ti.” (Salmo 56.3). Esse detalhe fará toda a diferença no enfrentamento de nossos temores.

ADULTOS NA “TERRA DO NUNCA”



Uma das histórias infantis mais conhecidas é a de Peter Pan. Criado por James Matthew Barrie, o personagem é um menino de idade e origem desconhecidas que vive na tão sonhada *Terra do Nunca* – lugar onde não há as obrigações da vida contemporânea. Não há escola nem muito menos lições de casa. Não há pais para obedecer ou professores que cobram um bom desempenho. Nessa terra não há responsabilidades nem regras. Pode-se fazer o que quiser e na hora que quiser. O único detalhe é que ali ninguém se torna adulto, amadurece ou tem uma visão mais nítida da realidade. A grande lição que se aprende na *Terra do Nunca* é que você precisa fazer uma escolha: assumir responsabilidades – e conseqüentemente ser adulto – ou continuar sem responsabilidades – e ser criança.

No mundo real muitas pessoas querem ser adultas sem assumir responsabilidades. Querem os privilégios da vida adulta sem as regras inerentes a ela. Grande parte das crises no campo da moralidade e ética que vivemos hoje se deve a isso. Junto com o privilégio de dirigir aos 18 anos vem a responsabilidade de conduzir adequadamente um veículo, não dirigir embriagado e manter-se dentro dos limites de velocidade e demais leis de trânsito. Esse é um exemplo simples. Há adultos que agem como crianças no que se refere a responsabilidades. Fogem delas ou simplesmente as ignoram. Há tantos exemplos em nosso meio de adultos infantilizados que não querem pagar o preço da responsabilidade.

Crianças têm uma visão diferente do mundo e isso é saudável na idade delas. Não precisam se preocupar com pagar contas, trabalhar para sustentar a casa ou realizar aquelas rotinas “chatas” que os adultos são obrigados a realizar. Como bem escreveu o apóstolo Paulo: “Quando eu era menino, falava como menino, pensava como menino e raciocinava como menino. Quando me tornei homem, deixei para trás as coisas de menino” (1 Coríntios 13:11). Adultos têm uma visão do mundo que inclui as contas, a agenda apertada, as rotinas enfadonhas, o trabalho exaustivo, as decepções de relacionamento e tantas outras questões próprias dessa fase da vida. A *Terra do Nunca* não existe. O que existe são adultos que vivem fugindo das responsabilidades como se fossem crianças. Ao se tornar adulto é necessário deixar de lado as interpretações infantis da vida e pagar o preço que o tempo impõe a todos aqueles que vivem mais e, deixando de ser crianças, transitam agora pela linha do tempo dessa fase da vida que também traz privilégios e alegrias que a criança não pode experimentar.

Por *Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez*
prgimenez@prgimenez.net
www.prgimenez.net

A PIOR PRISÃO



Augusto Cury costuma dizer que nós não podemos ser escravos de nossos próprios sentimentos. No livro *O Vendedor de Sonhos*, ele mostra o perigo desse tipo de prisão, que é capaz de levar pessoas a viverem verdadeiros pesadelos por causa de seus sentimentos. Alguns dos mais conhecidos são a amargura, o ódio, o medo, a ansiedade e vários complexos que nos prendem dentro de realidades que, por vezes, só existem em nossa própria cabeça. Quem não conhece a história de uma pessoa que é capaz, mas se sente incapaz? Ou daquele que tem uma boa aparência física, mas se sente o mais feio de todos os amigos? Pessoas assim estão presas por si mesmas e, se não reagirem, passarão grande parte da vida assim, vivendo dentro de prisões emocionais.

Essas prisões também têm outra conotação. Lembra-se de alguém que perdeu uma grande oportunidade na vida porque era nervoso demais e acabou insultando alguém ou partiu para a agressão física? Essa prisão seria a consequência de não vigiar os sentimentos. E quantos há que, hoje, vivem em prisões emocionais nos relacionamentos por isso. Casamentos acabados, amizades destruídas, demissões precipitadas. Novamente, os sentimentos sem controle produzindo efeitos terríveis.

Só existe uma maneira de escapar dessas prisões emocionais: tratando dos sentimentos. Levando a sério as emoções com a mesma atenção que é dispensada ao corpo. Uma pessoa que adoce constantemente do mesmo mal, por certo, procurará tratamento, pois perceberá que isso não é normal. Se alguém vive constantemente sofrendo pela falta de controle emocional e se torna escravo de seus próprios sentimentos precisa se tratar, levando a sério seu estado e se negando a viver dessa forma tão prejudicial a si e aos outros.

A pior prisão que existe é a que construímos e, voluntariamente, habitamos no mundo pessoalíssimo dos sentimentos. Se você não está bem emocionalmente, não deve negar seus sentimentos. Pelo contrário: deve reconhecê-los e, a partir daí, libertar-se para seu próprio bem e de seus semelhantes.

Por *Guilherme de Amorim Ávila Gimenez*
prgimenez@prgimenez.net
www.prgimenez.net

ERROS & ERROS



É conhecida a história de Sara Blakely que aos 29 anos de idade já era dona da Spanx, uma marca de roupa íntima modeladora, que em 2011 valia cerca de 1 bilhão de dólares. Ela foi eleita no ano seguinte, pela *Forbes*, como a mais jovem bilionária no mundo. Quando perguntavam a ela o segredo de uma ascensão tão rápida ela sempre respondia: “aprender com os erros cometidos” (Revista Eletrônica Business Insider. Edição de Junho de 2015). E, de fato, sua história é marcada por uma série de erros cometidos. Antes de ficar bilionária Sara foi à falência. Ela tentou ser comediantes, advogada e trabalhar na Disney World. Não teve sucesso em nenhuma dessas iniciativas. Durante sete anos ela vendeu aparelhos de fax de porta em porta e por várias vezes foi rejeitada. Mas, em todas essas experiências ela tirou lições válidas. Ela aprendeu como se comportar, o que dizer e o que não dizer, como se planejar melhor e tentou várias e várias vezes até conseguir. Sua conclusão foi: "Uma das minhas maiores fraquezas se transformou em uma das minhas maiores forças" (Entrevista dada a Jenna Goudreau em 12/Junho/2012). Podemos dizer que Sara de fato aprendeu com seus erros. Mas nem todo mundo é assim. Há pessoas que erram várias e várias vezes e não aprendem nada com isso. Vivem se justificando de seus erros sem perceber os grandes ensinamentos que eles podem oferecer.

O grande ensinamento dos erros é mostrar como podemos melhorar. Quando avaliados com atenção percebemos claramente quais são os pontos que devem ser mudados e a partir daí vamos acertando detalhes, implementando ações e em alguns casos abandonando definitivamente alguns planos que não podem sequer ser melhorados. Mas, para aprendermos com os erros é necessário ser consciente e humilde: consciente para perceber porque o erro aconteceu e humilde para reconhecê-lo. Há pessoas que não conseguem perceber onde está o erro. Por esse motivo eles tentam várias e várias vezes e porque não percebem onde está o erro nunca conseguem consertá-lo. Outras pessoas sabem exatamente onde erraram mais são orgulhosas demais para admitir. Nos dois casos os erros não se transformam em acertos. Continuam sendo obstáculos e não uma escola capaz de nos fazer melhorar.

Quando algo der errado, tente descobrir qual foi exatamente onde aconteceu o erro. Reflita sobre ele, pense em alternativas que o ajudem a não cometer o mesmo erro. E sobretudo, admita que errou. Não há vergonha nenhuma nisso. A vergonha é continuar errando no mesmo ponto e nunca crescer em maturidade com os erros cometidos. Todo erro revela pelo menos uma coisa: você tentou. E isso é louvável. Agora vamos às novas tentativas, aprendendo com os erros cometidos e buscando os acertos necessários.

Por *Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez*
prgimenez@prgimenez.net
www.prgimenez.net

A SÍNDROME DA ILHA



- Nós nos bastamos!
- Não precisamos de ajuda e temos a melhor equipe.
- Nossa programação é a melhor de todas.
- Não precisamos prestar contas de nosso trabalho a ninguém.
- Temos os melhores resultados.
- Nós somos os melhores.

Essas são algumas frases típicas do que eu chamo de “síndrome de ilha”. Por que ilha? Porque representa, de modo adequado, como funcionam alguns departamentos, ministérios, repartições e até mesmo famílias. São grupos cercados por todos os lados de arrogância, autossuficiência e restrições ao trabalho em equipe. Acham que não precisam dos outros, não estão dispostos a trabalhar em conjunto (a não ser entre eles mesmos) e vivem uma realidade própria, na qual não querem “se misturar” com os outros por acharem que todos estão errados, são fracos ou podem ofuscar o “brilho” que eles julgam ter. Como uma ilha, trabalham isolados, ainda que dentro da sociedade, de uma organização ou até de uma igreja. O máximo de entrosamento com outras equipes que conseguem ter é chamá-los para ‘ver’ o que eles fazem. Não querem trabalhar em conjunto, mas, sim, sozinhos; e, dominados por essa síndrome, vão cada vez mais se isolando e dependendo menos dos outros, até conseguirem sobreviver absolutamente sozinhos.

No famoso livro *No man is an Island* (Thomas Merton), temos, em forma de verso, uma série de lembretes acerca da necessidade que temos de viver em conjunto, de trabalharmos entrosados, entrelaçados e unidos. Mas o problema é que quem está dominado pela síndrome acaba perdendo a dimensão de o quanto está longe dos outros. E, sem essa percepção, a pessoa acaba se isolando cada vez mais, ainda que seu discurso ou até sentimento seja o da unidade e do trabalho em conjunto.

Só há uma esperança para ser curado da síndrome: a análise fria e contundente dos fatos. A realidade precisa vir à tona, seja por uma avaliação honesta de quem tem a síndrome ou, então, através de quem está do lado de fora da equipe que se tornou uma ilha. Não é difícil manifestar essa realidade. Basta fazer perguntas, analisar os fatos e, sem o poder da emoção, montar um cenário da realidade. É um processo doloroso, e quem está dominado pela síndrome há anos terá grandes dificuldades em aceitar o isolamento e até enxergar a dura realidade de que construiu uma ilha e já sente não precisar de ninguém.

Precisamos dos outros. Podemos trabalhar melhor juntos. Não somos tão bons quanto pensamos, podemos melhorar. Se estamos isolados, isso nos prejudica. Pensamentos como esses podem ajudar quem tem a síndrome a considerar a possibilidade de aproximar-se dos outros, sejam pessoas ou departamentos. E, ampliando o pensamento, até uma empresa pode se aproximar de outras e garantir-se no mercado através de parcerias. Pensando em um grupo um pouco menor, uma família pode beneficiar-se da aproximação de outras famílias que poderão dar suporte em momentos de crise e dificuldade.

Encerro esse artigo com parte do poema de John Donne, intitulado “No Man is an Island” (Nenhum homem é uma ilha):

“Nenhum homem é uma ilha,
Completa em si mesma,
Cada homem é um pedaço do continente,
Uma parte do principal.
A morte de qualquer homem me diminui,
Porque eu sou parte da humanidade [...]”

Por *Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez*
prgimenez@prgimenez.net
www.prgimenez.net

AME O QUE FAZ!



O amor é poderoso não apenas para sustentar relacionamentos, mas também para justificar a excelência. Segundo Hugh Blaine, “o amor está no cerne da excelência” (7 Princípios do Líder Revolucionário). Isso porque o amor motiva a pessoa a superar desafios e a alcançar seus maiores sonhos e aspirações. O amor impulsiona para a excelência, ele justifica a excelência. O amor diz “vale a pena, siga em frente”. E, movida por essa verdade, a pessoa encontra forças para desenvolver-se, quer como pessoa, quer como profissional, ou como participante de algum projeto.

Muitas pessoas não amam o que fazem. Sua justificativa para o trabalho é o salário, e nada mais. Não têm realização no que fazem, mas apenas no que recebem pelo que fazem. Essa também é uma motivação, mas não tão forte quanto o amor. O amor cria vínculos profundos, e é por esse motivo que existem pessoas que, mesmo sem receber pelo que fazem, se sentem mais realizadas do que aqueles que recebem. “Um dos valores do voluntariado é o amor” – declarou Allison Jones em uma palestra (Volunteering and Values), ao analisar o perfil do voluntário. “Não basta tempo livre, é necessário ter amor” – completa ela.

Amar o que se faz cria compromisso, energia, alegria, entusiasmo e uma série de outros elementos de excelência no trabalho. E não apenas nele: nos relacionamentos também. Talvez por esse motivo, a Bíblia apresenta o amor como o maior mandamento a ser seguido (Marcos 12.28-34). Diante disso, seria interessante incluir nas entrevistas de emprego ou no perfil de um voluntário a seguinte pergunta: “O que você ama fazer?” Dependendo da resposta, já sabemos se a vaga será adequada e se o voluntariado será de sucesso.

Por *Guilherme de Amorim Ávilla Gimenez*
prgimenez@prgimenez.net
www.prgimenez.net



Credenciada pelo MEC
Portaria 1719 – DOU 20/5/05
Bacharel em Teologia
Reconhecido pelo MEC – Portaria 2053 –
DOU 30/11/10
Renovação de Reconhecimento
pela Portaria MEC-SERES 270/2017

VISÃO

Ser referencial de excelência no ensino teológico contando com colaboradores criativos, motivados e proativos



MISSÃO

Formar líderes empreendedores e criativos para servirem às igrejas e ao reino de Deus com fundamentos bíblicos e teológicos.

VALORES

A Bíblia em primeiro lugar; construção do conhecimento, experiência, reflexão, vida em piedade; diálogo, aprendizagem contínua, qualidade, responsabilidade, transparência, ética



**DESDE 1957 ANOS FAZENDO
DIFERENÇA NA FORMAÇÃO E
CAPACITAÇÃO DE LÍDERES**

CONVENÇÃO
BATISTA
do Estado de São Paulo

Filiada a

